

Buscar um mínimo de consenso para o País voltar a crescer

Hans T. Schuler*

Era uma vez um país com uma fama imensa de ser o país do futuro. Abençoado por Deus, com um clima tropical, terras férteis, riquezas imensas com quase todas as matérias-primas, um povo trabalhador, pacífico e muito alegre, com um tremendo otimismo, empresários capazes e com um crescimento mais rápido do que qualquer outra economia do mundo.



Pelos mais variados motivos, mas principalmente por deixar crescer demasiadamente a influência do governo, permitindo que aja em áreas onde não deveria mais agir, não cumprindo funções essenciais de maneira digna, distribuindo privilégios para seletos cidadãos, a situação começou a piorar.

O mundo ao redor daquele país mudou rapidamente, mas pouco ele conseguiu fazer para adaptar-se às novas realidades.

Todos naquele país buscavam justificativas para explicar os acontecimentos. E, certamente, não foi por falta de idéias que surgiram, como fungos, políticos, empresários, economistas, juristas, sindicalistas, professores, jornalistas, nacionalistas e patriotas, que inventaram mil e uma soluções, sempre à custa dos outros. Eles não conseguiram nem um mínimo de consenso para alguns objetivos comuns, para introduzir uma estratégia consistente e coerente para mudar os rumos daquele país. Faltava disposição em firmar compromissos e vontade de atacar os problemas com *solidariedade e convicção*. A credibilidade mútua chegou a níveis nunca vistos, abalando a expectativa do povo daquele país. Loucura. Por que esse país, de fato, não precisava desesperar-se, por ser um país muito viável, desde que não continuasse no caminho da destruição do futuro dos seus filhos.

Por que então as tentativas com planos econômicos não deram certo? O que faltou?

Não existe resposta simples nem justificativa para a perplexidade a respeito de tantos planos econômicos fracassados. Se neste artigo for possível, tentaremos identificar algumas causas e influir em uma ou outra mudança no comportamento, que possam contribuir positivamente, mais um passo será dado na direção certa neste processo, no qual tanto tempo precioso já foi desperdiçado. O fator mais preocupante do problema são as *expectativas negativas generalizadas*, o clima de pouca esperança que toma conta de todos. O otimismo, a coragem, a garra e a confiança que impulsionaram o Brasil durante muitos anos, com grande sucesso, não fazem mais parte da realidade.

A situação gravíssima causa preocupação justificada e dá até medo — mas não há razão para desespero, desde que se consiga apoio para mudanças drásticas.

A não aceitação de qualquer autoridade imposta derrubou o sistema comunista com força e velocidade inimagináveis e impre-

vistas. Conceitos de liderança são questionados. Os fatores mais importantes requeridos das lideranças são honestidade, integridade e informação. Democracia sem solidariedade, respeito mútuo e compromissos não funciona. Implica compreensão de problemas e muita disposição para negociar, ceder às vezes, para possibilitar e receber participação e apoio para alcançar metas não imediatistas e egoístas. Já é e será mais desafiante qualquer tarefa de liderança, seja na política, na empresa, na escola. Porém, conseguindo liberar, essas "forças" para mudanças e inovações contêm um potencial incrível. Olhando por outro ângulo, serve como alerta (vermelho) para todos que não queiram abrir mão de privilégios percebidos como injustos. A população, cansada de ser tutelada, demoliu até o muro de Berlim e dissolveu a temida KGB.

Todos conhecem os princípios liberais que já foram discutidos e publicados tantas vezes: as linhas mestras do plano econômico são modernas e corretas. Por que então não deu certo? Será que as "leis" da economia não se aplicam ao Brasil? Certamente não é essa a explicação. Além do fato de que qualquer solução, diante de tamanho problema, exige tempo e perseverança, existe a distância entre "falar" e agir, que explica perfeitamente a falta de sucesso sustentável.

O problema pode ser resumido como segue:

a) Falta, principalmente, a compreensão dos *imensos riscos* contidos na opção de *não promover* mudanças drásticas, com o apoio de todos, de maneira consistente. Isso se deve a vários fatores que serão analisados em seguida.

b) Falta, por consequência, vontade e apoio político suficientes de todas as partes, absolutamente necessários para concordar com medidas impopulares.

c) Falta compreensão para medidas que a curto prazo implicam sacrifícios diante de tantas promessas falsas dadas — procura-se coragem, seriedade e, acima de tudo, solidariedade.

d) Faltam mais algumas coisas que não cabe comentar aqui.

Se até aqui contribuímos com críticas, queremos também colocar em discussão algumas propostas que — se fosse possível realizá-las — ajudariam um pouco para melhorar a situação.

Recebendo apoio maciço, especialmente das mais variadas lideranças, poderiam até se tornar uma contribuição capaz de mudar o rumo ziguezague na direção de uma *recuperação gradual, lenta, mas sustentável*.

Torna-se imprescindível, para possibilitar a implementação e execução de qualquer plano coerente, a *criação de um clima* de apoio, compreensão, tolerância, esperança. E de *intolerância* para outras coisas (do tipo marajá, corrupção, impunidade).

É preciso *buscar um mínimo de consenso entre os vários segmentos da sociedade*. Missão impossível?

Recuso-me a acreditar nisso. Imagino até caminho possível que necessita de um grupo de pessoas representando vários segmentos da sociedade, desde o governo até representantes dos trabalhadores, empre-

sários e outros. As tarefas desse "think tank" (fornecedor de "conselho expert"), onde imagino a participação de talvez quinze pessoas (com subgrupos de apoio) poderiam incluir:

— Elaboração de dois cenários e estratégias básicas:

- consequências de "stop-go", não mudar,

- com estratégia consistente/coerente, de maneira aberta, honesta e sem falsas promessas. Criar "clima" que permita agir com um plano econômico definido.

— *Conseguir apoio* para mudanças, também envolvendo uma informação mais objetiva, do público em geral.

— Divulgar, tornar *visível/transparente* o que significa qualquer proposta ou medida em relação a princípios sagrados.

— Servir como "ombudsman", analisando e fazendo visíveis os interesses que ferem os princípios "liberais".

O trabalho requer um *imenso esforço de marketing/liderança* e precisa do apoio total dos meios de comunicação para *visualizar* problemas, chances, medidas e consequências.

Visão ou sonho? Ou são a mesma coisa?

* Mestre em Economia pela Escola Superior de St. Gallen, Suíça, e diretor da Ciba-Geigy.